

Ao fundo, ouviu terrível”, vozes Deus!”, “Que Deus

Em seguida, Todd telefone e falou “Está pronto?”, com nervosismo.

A história não contada do Vôo 93

Por JERE LONGMAN

uma “confusão
gritando: “Meu
nos proteja!”.
se afastou do
com alguém.
ele perguntou,
“OK. Tudo bem.”

“Vamos lá!”

NO DIA 11 de setembro, o céu amanheceu azul, lavado e sem nuvens, aparentemente livre de perturbações. O outono havia chegado a Nova York.

Por volta das 7 horas, de uniforme azul-marinho, o comandante Jason Dahl, 43 anos, entrou no centro de operações da United Airlines, no Aeroporto Internacional de Newark. Acessou o computador e conferiu sua escala. O Vôo 93 estava marcado para decolar um minuto depois das 8 horas. Dahl assinou o plano de vôo do Boeing 757, assumindo seu comando. Em seguida, encontrou LeRoy Homer Jr., co-piloto do Vôo 93. Os dois nunca haviam trabalhado juntos, mas tinham algo em comum: estavam no emprego com que sempre sonharam.

Ao entrar no avião, o comandante Dahl verificou a cabine, certificou-se de que o gravador de dados do vôo e o gravador de voz da cabine estavam funcionando e examinou os instrumentos do motor. Depois de digitar o destino do avião no sistema de gerenciamento de vôo, Dahl se encontrou com Deborah Welsh, a comissária-chefe. Os dois conversaram sobre segurança. Até a altitude de 10 mil pés, ninguém poderia entrar na cabine de comando. Dahl e

Deborah também acertaram a sequência secreta de batidas que ela usaria antes de entrar na cabine.

Em caso de seqüestro, pilotos e comissários haviam aprendido a usar a obediência passiva. O manual dos comissários de bordo da United aconselhava: "Seja convincente para se manter vivo. Ganhe tempo. Deixe que os seqüestradores escolham um intermediário. Não os desafie. Use o contato visual para acalmar e diminuir a ansiedade." O conselho seguia velhas normas, que em breve se mostrariam ultrapassadas. Normas que eram mortalmente inadequadas. Normas que não previam a utilização de aviões como mísseis suicidas. Conselhos para manter a tranqüilidade não funcionariam contra facas na garganta e disposição para o martírio.

No táxi a caminho do aeroporto, Tom Burnett deixou um recado para o chefe. Havia lugar no Vôo 93 da United para São Francisco e por isso ele embarcaria às 8 horas, e não às 9h20, no Vôo 91. Chegaria cedo para ver a mulher, Deena, e as três filhas pequenas, em San Ramon, Califórnia. Tom era diretor de operações da Thoratec Corporation, fabricante de bombas cardíacas para pacientes à espera de transplante. A empresa estava tentando obter autorização para usar as bombas como implantes permanentes, e Tom viajava com frequência, reunindo-se com investidores e jornalistas.

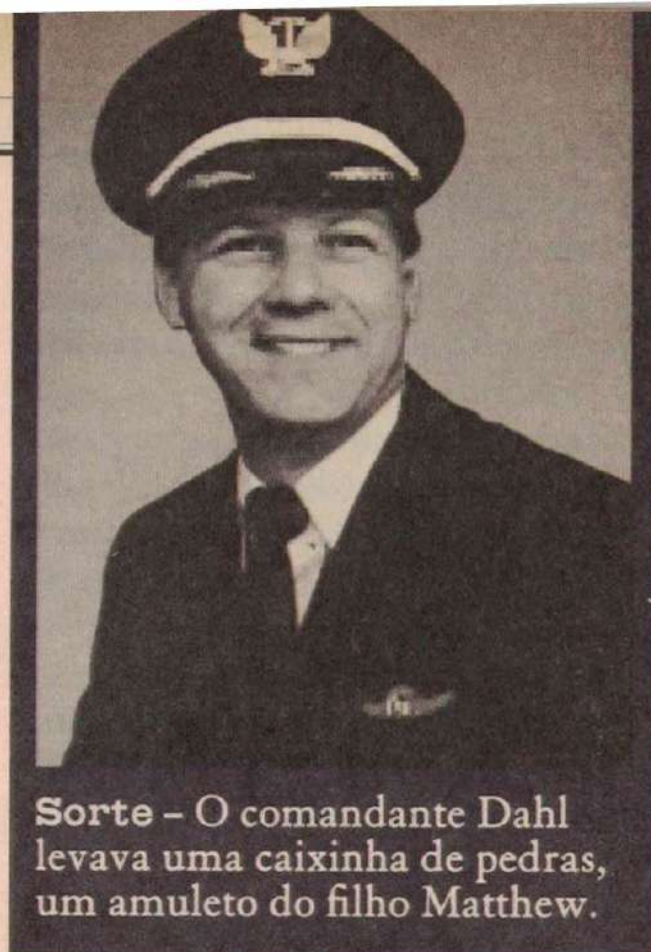
Às 7h20, no Portão 17, uma fun-

cionária da United fez a primeira chamada de embarque para o Vôo 93. A executiva de *marketing* Lauren Grandcolas, 38 anos, ligou para o marido, Jack, em San Rafael, Califórnia. Com as três horas de diferença, ele ainda estava dormindo, por isso ela deixou um recado. O táxi havia chegado mais cedo. “Só queria avisar que vou sair no vôo das 8 horas, e não no das 9h20.”

Às 7h33, enquanto esperava na sala de embarque, Todd Beamer, de Cranbury, New Jersey, recebeu uma ligação no celular. Era o colega Jonathan Oomrigar, um dos vice-presidentes da Oracle Software, da qual Todd era um dos principais gerentes de contas. Todd havia gerado 33 milhões de dólares em negócios no último ano fiscal, superando todas as expectativas. Seis meses antes, fechara o maior acordo da Oracle com a divisão de semicondutores da Sony. Agora, ele e Oomrigar tinham uma reunião crucial na sede, em Redwood Shores, Califórnia. Um importante executivo da Sony estava vindo do Japão para discutir um possível novo acordo.

“Já é a última chamada?”, perguntou Todd à funcionária no portão, antes de embarcar. Ela respondeu que não, e Todd e o colega continuaram conversando.

Todd era impetuoso profissionalmente. Havia jogado beisebol e basquete na universidade. E as vendas, como os esportes, ofereciam-lhe a oportunidade de se avaliar. Mas Todd não era imprudente. Ele pensa-



Sorte – O comandante Dahl levava uma caixinha de pedras, um amuleto do filho Matthew.

© JEWELL WELLSBORN

va muito em tudo, agia de maneira racional.

As comissárias Lorraine Bay e Wanda Green estavam à porta do avião, na altura da fila 8, recebendo os passageiros. Os dez viajantes da primeira classe foram conduzidos para a esquerda. Os 27 da classe econômica entraram à direita.

Deborah Welsh agora começava a andar pela aeronave, perguntando se podia pendurar os casacos. Quatro homens do Oriente Médio viajavam na primeira classe. Ziad Jarrah estava sentado na poltrona 1B, no corredor da primeira fila, perto da cabine de comando. Ahmed al-Haznawi, Saeed al-Ghamdi e Ahmed al-Nami viajavam respectivamente na 3C, 3D e 6B, esta na última fila da primeira classe.

Deborah Welsh era uma presença intimidadora com seu 1,83 metro de altura. Era controlada nos momen-

tos de crise. “Não pensava duas vezes na hora de estender a mão, ajudava os outros naturalmente”, contou Patrick Welsh, casado com Deborah por dez anos.

Mark Bingham foi o último a embarcar. O amigo Matt Hall o levara ao aeroporto. Mark dirigia uma empresa de relações públicas com escritórios em São Francisco e Nova York. Estava viajando à Costa Oeste para uma reunião de negócios e um casamento no fim de semana. Mark sentou-se na poltrona 4D, na mesma fila de Tom Burnett.

Logo todos estavam acomodados, e a porta se fechou. Havia apenas 37 passageiros no avião. Com tão pouca gente, as comissárias teriam tempo de sobra para servir o café da manhã.

O piloto pediu autorização para a partida. Eram quase 8 horas.

‘Que o chão estremeça’

ENQUANTO ISSO, o Vôo 11 da American Airlines deixava o Aeroporto Logan, de Boston, com destino a Los Angeles. Apesar das instruções de subir a 35 mil pés, o Boeing 767 chegou a 29 mil pés e interrompeu o contato pelo rádio.

Às 8h24, os controladores de tráfego aéreo ouviram a suposta voz do terrorista Mohamed Atta, que aparentemente acreditava estar falando com os passageiros: “Temos alguns aviões em nosso poder. Se ficarem quietos não haverá problema. Estamos voltando ao aeroporto. Ninguém se mexa. Tudo vai ficar bem.

Se tentarem alguma besteira, vão pôr sua vida e o avião em risco.”

A torre de controle de Boston alertou os centros de tráfego aéreo que o Vôo 11 havia sido seqüestrado. Vários minutos mais tarde, o Boeing 767 fez uma curva semelhante à forma de uma barbatana de tubarão e rumou para o sul, em direção a Manhattan. Às 8h34, o seqüestrador falou novamente: “Ninguém se mexa, por favor. Vamos voltar ao aeroporto. Não tentem nenhum truque idiota.”

Os pilotos, as comissárias e os passageiros do Vôo 93 da United não sabiam dos problemas a bordo do Vôo 11 da American. Tampouco sabiam que os quatro árabes sentados na primeira classe eram aliados de Mohamed Atta.

Num videoteipe feito talvez seis meses antes, um homem identificado como Ahmed al-Haznawi disse: “Deixamos nossas famílias para enviar um recado da cor do sangue. Esse recado diz: ‘Alá, tome nosso sangue até estar satisfeito. O tempo de humilhações e submissão acabou. É hora de matar os americanos na terra deles, entre seus filhos, perto de suas forças e de sua inteligência.”

No dia 11 de setembro, os quatro islamitas deveriam tomar banho, fazer a barba e se perfumar. Depois, benzer o corpo lendo o Alcorão. E benzer também malas, roupas, malas, passaportes e documentos. Seria preciso lembrar que aquela era “uma guerra em nome de Deus”. Quando o avião decolasse, deve-

riam rezar pela vitória sobre os infiéis e dizer: “Que o chão estremeça sob seus pés.”

Os terroristas que pretendiam seqüestrar quatro vôos naquela manhã tinham realizado viagens de ensaio e se equipado com armas improvisadas, que não seriam detectadas nem confiscadas. Os seqüestradores do Vôo 93 levavam pelo menos um estilete – permitido a bordo – e outro instrumento cortante de fabricação caseira, um pedaço de metal enrolado em fita adesiva.

O intenso movimento das segun-

borah Welsh escolheu a poltrona da primeira classe, enquanto Lorraine Bay e Wanda Green tomavam os assentos próximos à porta, entre a primeira classe e a econômica. As outras duas comissárias, CeeCee Lyles e Sandra Bradshaw, acomodaram-se na parte traseira da aeronave.

Com o impulso de 16.600 quilos dos dois motores Pratt & Whitney, o Vôo 93 rugiu na pista, as rodas dianteiras levantando-se e o resto do avião descolando-se do chão com surpreendente leveza. Eram 8h42.

O avião rumou para nordeste,

Terça era um dia tranquilo para viajar. Havia poucos passageiros e muito combustível para queimar.

das-feiras, de homens de negócios e turistas, terminara. Terça-feira era um dia tranquilo para viajar. Havia poucos passageiros e muito combustível para queimar no vôo marcado para cruzar o país.

O Vôo 93 entrou numa fila de cerca de dez aviões que taxiavam em direção à pista de decolagem. Quando chegou à frente da fila, Dahl foi instruído pela torre de controle de Newark:

– United 93, livre para entrar em posição na pista 04, esquerda.

– Entendido.

E por fim:

– United 93, livre para decolar, pista 04, esquerda.

As comissárias sentaram-se. De-

avanchando a 40 graus, virou outros 20 graus à direita e seguiu na direção de Manhattan. Manteve a altitude de 2.500 pés e depois fez uma curva graciosa a oeste. À direita, era possível avistar as torres do World Trade Center sob o brilho metálico da manhã.

Cinco minutos depois, o Vôo 11 da American se chocava contra a Torre Norte do World Trade Center, a cerca de 800 km/h. Pouco depois, às 9h03, o Vôo 175 da United rasgava a Torre Sul como uma foice mortal, provocando uma enorme explosão. Para quem assistiu à colisão no local ou pela televisão, a cena não parecia real. As pessoas não se cansavam de repetir que parecia um filme.

‘Bomba a bordo’

AGORA o Vôo 93 da United já estava a mais de 23 mil pés. O Boeing 757 alcançou os 35 mil pés, seguindo o percurso do vôo traçado pela linha vermelha na tela do computador de bordo. Dahl acertou o avião, estabilizando-o nos três eixos e ligou o piloto automático.

Quando ficou claro que o Vôo 175 havia sido seqüestrado, o centro de operações da United começou a alertar todas as outras aeronaves, enviando mensagens: “Cuidado com invasão da cabine” e “Confirme se as operações estão normais”. O alerta foi enviado ao Vôo 93 da United por meio de um dispositivo de comunicação chamado ACARS (Aircraft Communications Addressing and Reporting System). O aviso chegava como uma espécie de *e-mail*, anunciado por um sinal sonoro agudo.

“Confirmado”, respondeu o Vôo 93, uma única palavra digitada no teclado da tela do computador.

À medida que o Vôo 93 se aproximava do Centro Cleveland – centro de tráfego aéreo regional que orienta vôos de longa distância e grandes altitudes –, um dos pilotos se pronunciou com um animado “Bom dia”. Os pilotos dos outros aviões perguntavam por problemas em Nova York, com exceção do Vôo 93. Em seguida houve uma interrupção, uma confusão na cabine, um grito, sons de violência, gritos abafados, murmúrios de surpresa e sinistra determinação. Um controlador ficou

abismado com o que ouviu. “Alguém chamou Cleveland?”, perguntou.

Seguiu-se o silêncio, e então o comandante Dahl ou o co-piloto Homer teve a presença de espírito de apertar o botão de áudio. O tumulto da cabine se fez ouvir pela frequência do controle de tráfego aéreo. Mais berros, um grito apavorante de “Saia daqui!”. Depois a mesma pessoa, dessa vez parecendo ferida e suplicante. Então de novo “Saia daqui!”, uma ordem raivosa porém ignorada.

Apavorado, o controlador do Centro Cleveland pediu ao Vôo 93 que verificasse sua altitude. Nenhuma resposta. Outro chamado. Mais silêncio. O avião seguia na direção oeste, para o desconhecido ameaçador.

“United 93, Cleveland”, chamou o controlador, elevando a voz. “United 93, se estiver ouvindo Cleveland, por favor, identifique-se.”

O Centro Cleveland chamou outro avião na área, o Vôo 1523 da United:

– Escutou gritos na frequência?

– Escutei – respondeu o piloto.

– Certo – disse Cleveland. – United 93, se estiver ouvindo o centro, identifique-se.

Então o Vôo 1060 da American se manifestou:

– Idem a respeito da outra transmissão.

Cleveland perguntou:

– American 1060, também ouviu?

– Ouvi. Duas vezes.

– Entendido, obrigado – despediu-se Cleveland. – Só queria confirmar que não era interferência.

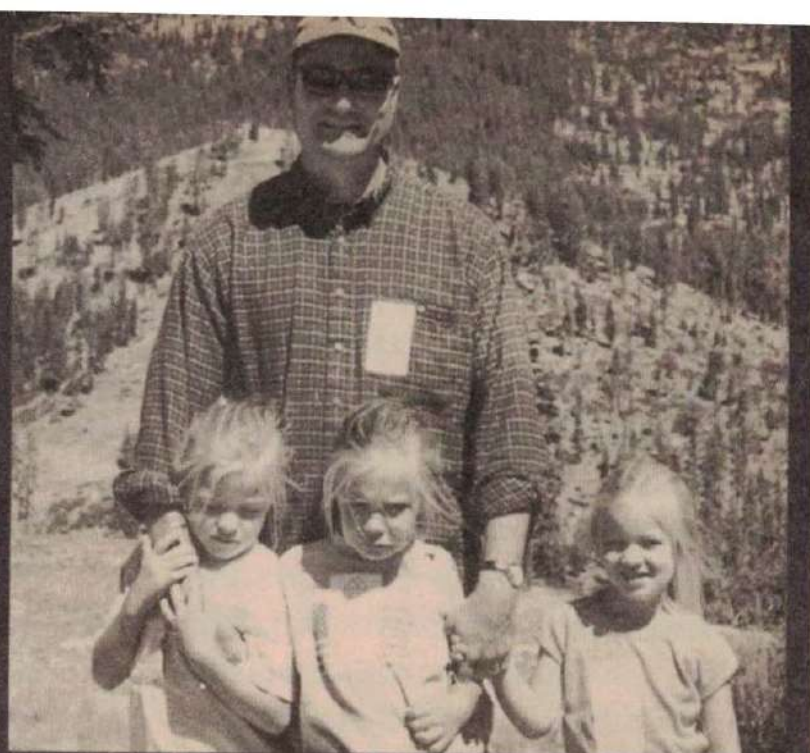
Eram 9h32. Os seqüestradores

agora tinham o controle do Vôo 93 e estavam arquejantes por causa da luta com os pilotos. "Senhoras e senhores, aqui é o comandante", mentiu um dos terroristas, aparentemente achando que falava aos passageiros, mas transmitindo as palavras pela frequência do controle de tráfego aéreo. "Por favor, sentem-se. Temos uma bomba a bordo."

A voz tinha uma formalidade ofegante, uma gentileza estranha. "Por favor, sentem-se", repetiu o homem. Era supostamente a voz de Ziad Jarrah, libanês de 26 anos. Ele havia entrado nos Estados Unidos em junho de 2000 e se mesclado com tal perfeição no agitado, turístico e racialmente profuso sul da Flórida, que parecia pertencer ao lugar tanto quanto a umidade. Sua pele era tão clara e seu rosto tão bonito e suave que algumas pessoas o julgavam europeu.

Jarrah passara as semanas que antecederam aquele 11 de setembro na Flórida, com Ahmed al-Haznawi, outro suspeito terrorista a bordo do Vôo 93. No meio do ano, todos os quatro seqüestradores tinham aberto contas bancárias no Florida Sun Trust, com depósitos em dinheiro.

Assim como os terroristas dos outros vôos suicidas, Jarrah aprendeu defesa pessoal em Las Vegas. Morava perto de outros seqüestradores no sul da Flórida e estudava em escolas



Dedicação de pai – Tom Burnett com as filhas. Ele apreciava qualidades como sacrifício, coragem, honra e liderança.

de vôo próximas. Entretanto, como as unidades da Al-Qaeda agiam nas sombras, os contatos eram frágeis e difíceis de detectar. Os terroristas sabiam que estavam participando de uma "operação de martírio", mas, de acordo com uma fita mais tarde divulgada pelo Departamento de Defesa, só vieram a saber sua natureza exata pouco antes de embarcar nos aviões.

Agora o Vôo 93 rumava para Washington, talvez para o Capitólio, com sua abóbada neoclássica que se erguia a 90 metros do chão. O seqüestrador havia feito uma ameaça de bomba. Os pilotos comerciais na frequência de Jarrah e os controladores de Cleveland que os orientavam não conseguiam acreditar nas terríveis palavras.

Cleveland começou a ordenar aos outros jatos que se afastassem do Vôo 93.

“United 93, está ouvindo Cleveland?”, perguntou o controlador.

Não houve resposta. O *transponder* do avião havia sido desligado, de modo que nem o centro de tráfego aéreo de Cleveland nem o centro de operações da United em Chicago podiam determinar a altitude do vôo.

Cleveland pediu ao piloto de outro avião, o jato executivo 956, que mudasse seu curso e tentasse avistar o Vôo 93. O piloto viu o avião, perdeu-o de vista e o avistou outra vez. Então a aeronave veio em sua direção, obrigando-o a fazer um desvio.

“United 93, ainda está ouvindo o centro?”, insistiu Cleveland. “United 93, está nos escutando?”

Outras vinte vezes o controlador chamaria o Vôo 93. Vinte vezes não receberia resposta alguma.

‘Vamos para o sul’

EM SAN RAMON, Califórnia, Deena Burnett acordou a fim de aprontar as três filhas para o colégio. Halley e Madison tinham 5 anos e freqüentavam o jardim-de-infância. A mais nova, Anna Clare, tinha 3 anos e estava a caminho de seu primeiro dia na pré-escola. Deena desceu a escada e ligou a televisão para saber a previsão do tempo. Todos os canais transmitiam notícias urgentes sobre a colisão de um avião com o World Trade Center.

Deena pensou em Tom. Ele estava voltando para casa, vindo de Nova York. Enquanto assistia à TV, um segundo avião se chocou contra

a outra torre. Nesse momento o telefone tocou. Era a mãe de Tom, ligando de Minnesota. Enquanto as duas mulheres conversavam, o sinal de uma chamada em espera soou no telefone de Deena. Era o marido, ligando do celular.

– Tom! Você está bem?

– Não – respondeu ele. – Estou no Vôo 93 da United. O avião foi seqüestrado. Já esfaquearam um rapaz. Um dos homens tem um revólver. Dizem que há uma bomba a bordo. Avise as autoridades.

E desligou.

Deena escreveu o que o marido dissera e anotou a hora: 6h27, 9h27 na Costa Leste. Tom falara muito baixo e rápido. Um rapaz tinha sido esfaqueado. Deena perguntara se era um passageiro e Tom havia confirmado.

O pavor tomou conta do corpo de Deena. *O que eu faço? Para quem se liga em caso de seqüestro de avião?* Ela andava pela cozinha, tentando clarear a mente. *Vou telefonar para a Emergência.*

Da Emergência foi transferida para a polícia, depois para o FBI. Estava dando ao agente o número e o destino do vôo quando a chamada em espera interrompeu a ligação novamente. Era Tom. Outra vez, Deena anotou a hora: 6h34, 9h34 na Costa Leste.

“Eles estão na cabine de comando”, avisou ele.

O homem que tinha sido esfaqueado estava morto. Tom havia tentado ajudar, mas era tarde de-

mais. Deena contou o que sabia: aviões estavam se lançando contra o World Trade Center. Os terroristas pareciam atacar alvos definidos. Imediatamente Tom juntou as peças. “Ah, meu Deus!”, exclamou. “É uma missão suicida.”

Deena ouviu Tom passar as informações para outra pessoa. Outros vôos comerciais estavam sendo seqüestrados?, perguntou ele. Quem eram os envolvidos? Deena contou-lhe o pouco que sabia. Tom acreditava que o avião seguia para o leste.

– Tom, você está bem? – ela perguntou.

– Não – respondeu ele.

Um terceiro avião tinha atingido o Pentágono, disse ela. Ele passou a informação adiante. Parecia que os aviões seqüestrados eram vôos comerciais partindo do leste, explicou Deena. Ela alertara as autoridades? Sim, respondeu ela. Os seqüestradores, avisou Tom, estavam falando em jogar o avião contra o chão. “Temos de fazer algo.” Ele e outras pessoas estavam elaborando um plano.

Tom não estava sussurrando palavras doces de adeus. Estava traçando um plano que o levasse para casa.

Depois corrigiu: “Espere, espere... Vamos para o sul.”

O que ele estava vendo?, perguntou Deena. Era uma área rural, só havia plantações. “Preciso desligar”, disse ele. Deena tornou a ligar para o FBI. *Tudo daria certo. Temos uma vida perfeita. Bons empregos, filhas maravilhosas, saúde. Nada de mau nunca nos aconteceu.* O noticiário informou que o Pentágono havia sido atingido. *Deve ter sido o avião de Tom.* Deena sentou-se e começou a chorar, em desespero.

O telefone tocou de novo. Era Tom, pela terceira vez. Eram 6h45, 9h45 na Costa Leste. Por um segundo, Deena imaginou que o marido tivesse milagrosamente sobrevivido à explosão no Pentágono.

Não se preocupe, pediu a Deena. “Volto a ligar.”

Tom não havia falado de maneira elaborada. Não estava sussurrando palavras doces de adeus. Estava traçando um plano que o levasse para casa em segurança, para a mulher e as três filhas. Deena não aceitava que ele fosse morrer. *Somos o casal perfeito. Sempre fomos felizes.*

Tom então ligou pela quarta vez. Eram 6h54, 9h54 na Costa Leste. Perguntou pelas filhas. As meninas queriam falar com ele. Tom respondeu que falaria com elas mais tarde. Ele e outros passageiros haviam traçado um plano para recuperar o controle do avião enquanto sobrevoavam a área rural. “Temos de fazer algo agora”, justificou. Não

podiam esperar pelas autoridades.

– Eu acho que podemos conseguir... Reze, Deena, reze.

– Eu amo você – disse ela.

– Não se preocupe – pediu Tom.

– Vamos agir.

‘Estou abraçando você’

SE ALGUÉM era capaz de traçar planos e organizar equipes, esse alguém era Lauren Grandcolas, sentada na fila 11. Ela havia trilhado uma longa carreira em propaganda e *marketing*. No tempo livre, era voluntária em eventos em benefício de portadores da Aids e programas de incentivo à adoção. Também era técnica licenciada em emergências médicas.

Quando o marido, Jack, acordou em 11 de setembro, olhou pela janela e teve uma sensação esquisita. As nuvens apresentavam formas estranhas. Ele ligou a televisão no canal de esportes e depois mudou para o noticiário. Ficou horrorizado. Aviões tinham se chocado contra o World Trade Center. Quando viu que outros vôos haviam sido impedidos de decolar, teve certeza de que Lauren estava em segurança. O vôo dela só partiria às 9h20. Foi então que Vaughn, irmã de Lauren, ligou.

– Teve notícias de Lauren? – quis saber ela. – Precisamos descobrir onde está. Lauren antecipou o vôo.

– Você está brincando! – alarmou-se Jack.

Desceu à cozinha e viu que havia dois recados na secretária eletrônica.

O primeiro dizia que ela chegaria em casa antes do previsto. No segundo, Lauren parecia calma e esperançosa, embora houvesse urgência em sua voz. “Amor, você está aí? Jack, atenda o telefone”, pediu ela. “Tudo bem, eu só queria dizer que amo você. Estamos tendo um probleminha no avião. Amo você mais do que tudo, não se esqueça disso. Por enquanto, está tudo tranqüilo. Eu vou... é só um probleminha. Amo você. Por favor, diga à minha família que amo todos eles. Tchou, amor.”

Jack ficou desorientado e mal conseguiu falar. Caiu de joelhos. “Não, meu Deus, não!”

Mark Bingham ligou para a mãe, Alice Hoglan, e disse que a amava. Era comum Mark telefonar para Alice e expressar seu amor, mas não àquela hora da manhã. Eram 6h44. A voz dele soava ao mesmo tempo controlada e aflita. “Estou num vôo de Nova York para São Francisco”, explicou Mark. “Há três homens a bordo que alegam ter uma bomba.”

Mark disse que estava ligando do telefone de bordo. *Ele deve estar na primeira classe, pensou Alice, e os seqüestradores também.* Ficou preocupada que o filho acabasse chamando a atenção para si e se transformasse num alvo. Mas logo a linha emudeceu. Alice ligou a televisão e entendeu tudo. Mark devia saber da gravidade do problema e estava telefonando para se despedir.

Alice discou o número do celular do filho. Mais tarde, ela obteve com a companhia telefônica a própria men-

sagem que deixara. “Mark, aqui é sua mãe”, começou ela. “Há notícias de que o avião foi seqüestrado por terroristas. Faça tudo que puder para dominá-los, porque eles são demônios. É isso, meu amor. Tchau.”

Em Catonsville, Maryland, Esther Heymann conversava com o marido, Ben Wainio, vice-presidente do First Union Bank, em Columbia. Telefonemas ansiosos os interrompiam. O sinal de chamada em espera soou mais uma vez, e Esther pediu ao marido que aguardasse. A enteada dela, Elizabeth Wainio, estava na outra linha. Eram cerca de 9h50.

– Oi, mãe – disse Elizabeth. – Fomos seqüestrados. Estou ligando para me despedir.

Esther sabia que a enteada estava viajando. Elas haviam conversado antes de o avião deixar Newark.

– Sabe o que está acontecendo? – perguntou a jovem.

– Não – respondeu Esther.

A idéia era tranquilizar a enteada. Se ela quisesse falar sobre o que se passava no avião, seria escolha dela.

Uma “pessoa maravilhosa” que estava sentada ao seu lado, talvez Lauren Grandcolas, havia lhe emprestado o telefone. Elizabeth falava com calma, mas sua respiração estava ofegante.

– Elizabeth, estou abraçando você. Não se esqueça de que eu a amo – disse Esther à enteada.

– Estou sentindo seus braços – respondeu Elizabeth. – E também amo você.

Esther olhou pela janela do quar-



Tranqüilidade – Lauren Grandcolas sabia planejar e tinha o dom do improvisado.

to. Pediu à enteada que segurasse a mão da pessoa ao lado. Elizabeth falou de cada membro da família e do quanto os amava. Estava preocupada com a reação do irmão mais velho, Tom, e da irmã mais nova, Sarah, à terrível notícia.

“Vamos nos ater ao presente”, propôs Esther. “Vamos olhar esse lindo céu azul e respirar fundo.”

A respiração de Elizabeth pareceu ficar mais profunda e relaxada.

Aparentemente, os seqüestradores não se deram ao trabalho de impedir passageiros e comissárias de telefonarem. As pessoas falavam com nervosismo, mas à vontade. Talvez, com poucos seqüestradores tentando controlar tantos passageiros, os terroristas tenham achado arriscado intervir. E talvez os passageiros no fundo do avião viessem sendo observados com negligência ou ignorados.

No entanto, nenhum dos telefone-

mas mencionou um elemento crucial: se os passageiros conseguissem subjugar os seqüestradores e recuperar o comando do avião, quem o pilotaria? O piloto e o co-piloto ainda estavam vivos? Não havia como saber.

O Vôo 93 havia descido a menos de 10 mil pés, cerca de 3 mil metros acima do chão. Ou o avião estava tentando voar abaixo do alcance do radar, como teorizaram os investigadores, ou estava sendo pilotado por seqüestradores sem treinamento adequado.

Às 9h45, Todd Beamer conseguiu

pedir a todos que se sentassem, depois fechou as cortinas entre a primeira classe e a econômica. Havia dez passageiros na primeira classe, 27 na econômica e cinco comissárias.

Duas pessoas estavam caídas no chão da primeira classe, informou Todd. Ele não sabia se ainda estavam vivas. Lisa Jefferson ouviu uma comissária dizer a Todd que os homens no chão eram o piloto e o co-piloto. Ela parecia certa disso, e Todd repetiu a informação. Se achasse que sua vida estava ameaçada, disse Lisa, ele podia largar o telefone. Apenas não

O avião pareceu dar outro mergulho e o **nervosismo retornou à voz de Todd.** ‘Meu Deus!’, ele exclamou.

falar com uma telefonista em Oak Brook, Illinois. A telefonista que atendeu a ligação assustou-se com a notícia do seqüestro e passou a chamada para Lisa Jefferson, supervisora com 17 anos de experiência e voz tranquilizadora.

– Sei que o avião foi seqüestrado – disse Lisa. – Por favor, conte com detalhes o que está acontecendo.

Todd Beamer se apresentou. Falando com calma, explicou que três indivíduos haviam seqüestrado a aeronave. Armados com facas, dois deles entraram na cabine de comando e trancaram a porta. Um terceiro estava na primeira classe, com o que parecia ser uma bomba amarrada à cin-

desligue, pediu ela. Deixe-o ligado. Todd então explicou que podia falar livremente.

– Sabe o que eles querem? – perguntou a ela. – Dinheiro ou o quê?

Ele parecia confuso.

– Não sei – respondeu Lisa.

Então Todd levantou a voz.

– Estamos caindo, estamos caindo! Não, espere, voltamos a subir. Estamos virando. Acho que para o norte.

Era desorientador. Ele não sabia para onde estavam indo.

– Ah, meu Deus, por favor nos ajude – suplicou Todd.

Pediu a Lisa que rezasse com ele o pai-nosso. Os dois rezaram, e depois Todd começou a recitar o salmo 23:

– O Senhor é meu pastor e nada me faltará...

O avião pareceu dar outro mergulho, e o nervosismo voltou à sua voz.

– Meu Deus! – alarmou-se. – Lisa!

Nesse momento, a telefonista levou um susto. Ela havia se apresentado como Sra. Jefferson. Não dissera a ele seu primeiro nome.

– Sim? – respondeu.

– Este é o nome da minha mulher.

– O meu também – esclareceu ela.

– Nossa! – exclamou Todd, espantado com a coincidência.

Ele falou da família, dos dois filhos pequenos, David e Andrew, e da mulher, que estava grávida de novo. Pensara em ligar para ela, mas não queria preocupá-la.

– Se eu não sair dessa, você poderia por favor telefonar para minha família e dizer a eles o quanto os amo? – pediu Todd.

– É claro – respondeu ela.

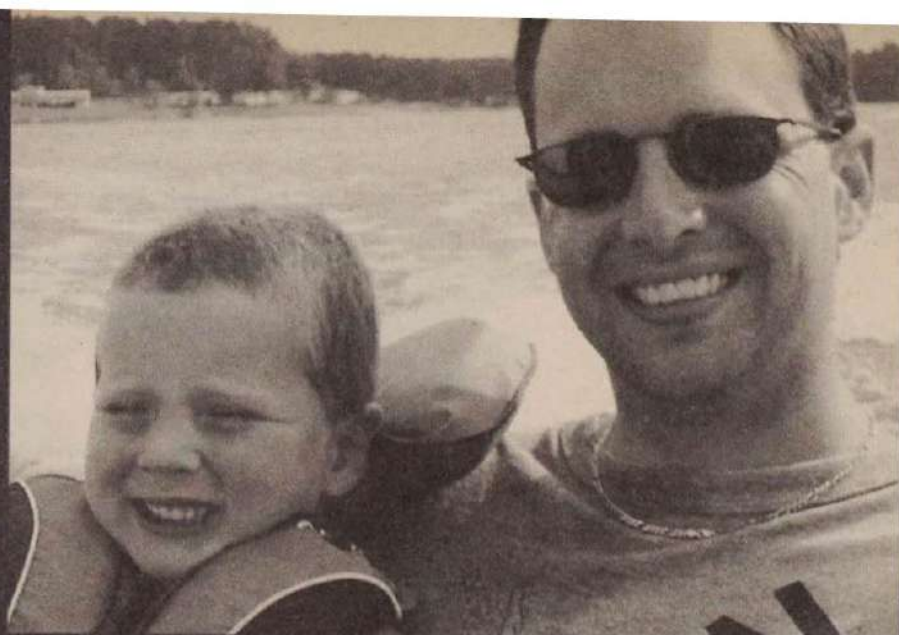
O avião balançou e Todd imaginou ter perdido contato.

– Lisa, Lisa! – gritou.

– Estou aqui – disse ela. – Vou ficar aqui com você.

Todd contou que ele e outros passageiros iam atacar o seqüestrador com a bomba e tentar recuperar o comando do avião.

Nesse momento, ao fundo, Lisa



Impetuoso – Todd Beamer e o filho David. Tranquilo em casa, Todd era agressivo no trabalho. ‘É hora de agir’, ele gostava de dizer.

ouviu uma “confusão terrível”, vozes gritando: “Meu Deus!”, “Que Deus nos proteja!”.

Em seguida, Todd se afastou do telefone e falou com alguém. “Está pronto?”, ele perguntou. “OK. Tudo bem. Vamos lá!”

‘Olhe aquele avião’

Ovôo 93 ia baixando a altitude, seguindo para sudeste. Por volta das 10 horas, Rodney Peterson e Brandon Leventry, mecânicos em Boswell, Pensilvânia, atravessavam a rua principal da cidade outrora mineira, quando viram um avião a jato cruzar o céu a cerca de 600 metros do chão.

Peterson já trabalhara em aeroporto e conhecia os padrões de vôo. Sabia que, em geral, os jatos se aproximavam do aeroporto de Johnstown a uma altitude muito mais elevada. “Olhe aquele avião”, disse a Leventry.

Então a aeronave inclinou-se brus-



Em terra – A cidadezinha de Shanksville, na Pensilvânia, onde o Vôo 93 caiu. ‘Não sobrou nada do avião’, disse Lee Purbaugh, testemunha da queda. ‘Tudo virou pó.’

camente para a esquerda e depois para a direita. “Tem algo errado”, desconfiou Peterson.

As asas se nivelaram, mas o avião seguiu em sentido sul. Peterson começou a correr pela rua, tentando acompanhá-lo; o jato, porém, desapareceu por trás de uma série de árvores e casas. “Se eles lutaram com os seqüestradores, garanto que foi aqui”, disse Peterson mais tarde. “O jato tombou para a esquerda e depois para a direita. Nenhum avião daquele tamanho voa assim.”

Muito do que se passou nos minutos finais do vôo é mera suposição. Nada foi concluído com o gravador de voz, que operava em períodos de 30 minutos contínuos por meio de microfones nos fones de ouvido dos pilotos e no teto da cabine de comando. Ainda assim, os membros das fa-

mílias contaram, mais tarde, que tiveram uma impressão animadora ao ouvir a gravação: os promotores públicos do futuro julgamento de Zacarias Moussaoui, o suposto 20º seqüestrador, imaginam que os passageiros tenham usado um carrinho do serviço de bordo como aríete a fim de entrar na cabine, mesmo sendo impossível salvar o avião, que voava baixo demais, rápido demais, e ainda por cima virado de barriga para cima.

A última seqüência do gravador de voz começou às 9h31. No início, uma voz com sotaque exigia que alguém se sentasse. Em inglês, a pessoa implorava: “Não, não.” Uma mulher pedia para que não a machucassem ou matassem.

Segundo a United, depois que o avião foi seqüestrado, pelo menos uma comissária usou o telefone de

bordo para falar com o escritório da empresa em São Francisco. Ela informou que um dos seqüestradores dominava a tripulação com uma faca. Evidências de que pelo menos uma comissária teve as mãos amarradas viriam a surgir nos destroços do World Trade Center; suspeita-se do mesmo procedimento no Vôo 93.

Patrick Welsh, marido da comissária-chefe Deborah Welsh, disse ter sido informado pela United de que uma comissária fora esfaqueada logo na decolagem. É muito provável, explicou ele, que tenha sido Deborah, porque ela estava na primeira classe. “Conhecendo Deborah, sei que ela ia resistir”, disse Patrick.

Um alarme soou quando o piloto automático foi desconectado. Outro alarme também deve ter disparado, porque, nos minutos finais, o avião voava a 925 km/h, ultrapassando em muito os limites estabelecidos. De acordo com Hank Krakowski, chefe do centro de operações da United em Chicago em 11 de setembro, o avião pode até ter quebrado a barreira do som durante algum tempo. O destino dos tripulantes, Jason Dahl e LeRoy Homer Jr., não pôde ser determinado.

O Vôo 93 continuava com problemas ao sobrevoar a Rodovia 30, agora 130 quilômetros a sudeste de Pittsburgh. A névoa da manhã começava a se dissipar, e Terry Butler trabalhava entre as sucatas de um ferro-velho. Ao ouvir um ronco alto, olhou para as montanhas. Então voltou-se e viu o jato da United so-

brevoando uma casa. O avião parecia estar a apenas 150 metros do solo.

A aeronave passou rente sobre as montanhas, fez uma curva fechada para a direita e começou a virar de lado. A vários quilômetros dali, o caminhoneiro Rob Kimmel viu o jato passar tombando para a direita. Estava a 30 ou 50 metros do chão ao bater num morro.

“Eu vi a parte de cima do avião, e não o fundo”, lembra Kimmel.

Lee Purbaugh só ouviu o avião quando este já se encontrava quase sobre ele. Estava trabalhando em outro ferro-velho, que ficava no alto de uma ribanceira. O Boeing 757 passou a uns 15 metros de sua cabeça, estimou ele, tão perto que o fundo do avião parecia amarelado ao refletir os campos abaixo dele.

A aeronave voava a cerca de 900 km/h. De acordo com os investigadores, o jato virou de barriga para cima. Depois fez um desvio agudo, fatal, e mergulhou, batendo com uma das asas e com o nariz. O avião foi engolido pelas chamas, houve uma explosão e uma nuvem escura se elevou. Passava pouco das 10 horas.

Chamado à ação

VINTE MINUTOS a mais e o Vôo 93 teria alcançado Washington, fechando o espetáculo de fogos de artifício suicidas. “Os ataques devem ter grande impacto sobre o povo desta nação”, ensinava o manual de terror da Al-Qaeda que a agência de notícias Associated Press

obteve depois de 11 de setembro. O texto recomendava investir contra edifícios “com grande concentração humana”, como arranha-céus, aeroportos, usinas nucleares e estádios.

No dia seguinte ao desastre do Vôo 93, na tenda armada numa plantação de milho perto do local da queda, o deputado John P. Murtha afirmou para repórteres que sem dúvida o alvo não seria aquele ponto na zonal rural da Pensilvânia. O senador Arlen Specter propôs, mais tarde, que se condecorassem com a Medalha de Ouro do Congresso aqueles que haviam frustrado as intenções apocalípticas dos seqüestradores.

Seis dias depois do desastre, parentes de passageiros e tripulantes se reuniram numa colina próxima ao local em que o Vôo 93 havia caído. Choraram, rezaram e deixaram flores e fotografias.

No dia 24 de setembro, as famílias foram convidadas à Casa Branca, onde o presidente George W. Bush e a primeira-dama Laura Bush as receberam. O presidente falou com simplicidade e abraçou as pessoas.

Em seguida, as famílias foram cumprimentadas por uma fila de funcionários da Casa Branca.

Em seu discurso no Congresso sobre o “Estado da Nação”, de 29 de janeiro deste ano, o presidente Bush disse: “Nenhum de nós jamais desejaria o mal feito em 11 de setembro. No entanto, depois que os Estados Unidos foram atacados, foi como se todo o país se olhasse no espelho e visse uma face melhor. Fomos lembrados de que somos cidadãos, com deveres uns com os outros, com o país e com a História. Começamos a pensar menos nos bens que podemos acumular e mais no bem que podemos fazer.

Jack Grandcolas, marido de Lauren Grandcolas, afirmou em relação aos passageiros: “Eles foram verdadeiros patriotas. Tomaram a atitude mais democrática que podiam. Reuniram informações e votaram a atitude a ser tomada. Sabiam que tinham 98% de chance de não conseguirem, mas decidiram salvar os outros. Ser americano é isso. A bravura de Lauren me deu esperança. A bravura de todos eles me deu esperança.”

CLASSIFICADOS PERIGOSOS



Após quatro anos de separação, minha mulher e eu tivemos um divórcio amigável. Eu queria voltar a namorar, mas não sabia como. Dei uma olhada na coluna de anúncios pessoais do jornal e marquei três para telefonar mais tarde.

Dias depois, havia um recado de minha ex-mulher na secretária eletrônica: “Passei na sua casa para pegar algumas ferramentas emprestadas e vi os anúncios que marcou no jornal. Não ligue para o da segunda coluna. Sou eu.”

—NELSON WORKMAN, *EUA*